

NOVEMBRO / 2018

INTERNACIONAL

EUROPA

Conforme nova estimativa da agência Eurostat, o PIB da zona do euro no terceiro trimestre de 2018, cresceu 0,2% frente ao trimestre anterior e 1,6% na base anual. No trimestre anterior o crescimento havia sido de 0,4% e de 2,2% na base anual. O resultado veio novamente abaixo das expectativas que apontavam uma variação anual de 1,7%.

Já a taxa de desemprego que era de 8,1% em setembro, se manteve em 8,1% em outubro, pelo quarto mês consecutivo a menor taxa desde novembro de 2008.

Quanto a inflação do consumidor, depois de ter registrado um avanço anual de 2,2% em outubro, em novembro teve alta de 2%, abaixo das expectativas, mas dentro da meta de 2% do BCE.

EUA

Conforme a segunda estimativa do Departamento de Comércio, o PIB americano no terceiro trimestre de 2018 subiu à taxa anual de 3,5%, com desaceleração em relação ao trimestre anterior que fechou com alta de 4,2%. No entanto, para as despesas dos consumidores o crescimento a um ritmo anual de 4% foi revisto para 3,6%.

Quanto ao mercado de trabalho, a criação de vagas de trabalho não agrícola em novembro foi de 155 mil novos postos, quando a expectativa era de 200 mil. A taxa de desemprego, que era de 3,7% em outubro, se manteve nesse patamar. Quanto aos salários, o crescimento foi menor que o esperado.

Em sua reunião no início de novembro, o FED manteve a taxa básica no intervalo entre 2% e 2,25% ao ano, mas sinalizou que deverá aumentar a taxa em sua reunião em dezembro.

ÁSIA

No Japão, o PIB do terceiro trimestre de 2018 se contraiu 1,2% em taxa anualizada, devido, sobretudo ao impacto de causas naturais tanto no consumo doméstico, quanto nas exportações. Já na Índia, o PIB do terceiro trimestre cresceu 7,1% na comparação anual, acima da expectativa de evolução de 7,4%.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 3,16% a.a. no final de outubro, terminaram novembro com rendimento de 3,01% a.a. Já os títulos emitidos pelo governo britânico rendiam 1,35% a.a., enquanto os emitidos pelo governo alemão, por sua vez, fecharam o mês de novembro com rendimento de 0,31%. Paralelamente, no mês, o dólar se desvalorizou 0,04% perante o euro e se valorizou 0,55% e perante o yen.

Já as bolsas internacionais tiveram em novembro um mês de altas e baixas. Enquanto a bolsa alemã (Dax) recuou 1,66% no mês e a inglesa (FTSE 100) 2,07%, a do Japão (Nikkei 225) subiu 1,96% e a americana (S&P 500) 1,79%.

No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent caiu no mês 22,21%. Com o excesso de oferta global, novembro terminou como o pior mês para o preço do petróleo em uma década.

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

Conforme o IBGE, a economia brasileira avançou 0,8% no terceiro trimestre de 2018, em relação ao trimestre anterior. Pelo lado da oferta, o setor agropecuário cresceu 0,7%, o industrial 0,4% e o de serviços 0,5%. Pelo lado da demanda o consumo das famílias evoluiu 0,6% o do governo 0,3%, os investimentos 16,9% e as exportações 6,7%. Na base anual a alta do PIB foi de 1,3%.

A taxa de desemprego, por sua vez, que era de 11,9% no trimestre encerrado em setembro, recuou para 11,7% no trimestre encerrado em outubro, com 12,4 milhões de pessoas sem trabalho.

SETOR PÚBLICO

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado registrou superávit primário de R\$ 7,8 bilhões em outubro. Em doze meses o déficit primário foi de R\$ 84,8 bilhões.

As despesas com juros nominais, em doze meses, totalizaram R\$ 379,7 bilhões (5,55% do PIB) e o déficit nominal, que inclui o resultado com os juros, foi de R\$ 464,4 bilhões (6,79% do PIB) no mesmo período.

A dívida bruta do governo geral (governo federal mais INSS mais governos regionais) alcançou em agosto R\$ 5,23 trilhões (76,5% do PIB).

INFLAÇÃO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgou que a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), depois de ter subido em outubro 0,45%, registrou queda de 0,21% em novembro. Em doze meses, a alta acumulada foi de 4,05% e no ano de 3,59%.

Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), caiu 0,25 em novembro, após ter subido 0,40% em outubro e acumulou alta de 3,56% em doze meses e de 3,29% no ano.

JUROS

Depois que logo no início de novembro, o Copom manteve inalterada a taxa Selic em 6,5% ao ano, na ata afirmou que a atual conjuntura econômica ainda prescreve política monetária estimulativa, ou seja, abaixo da taxa estrutural, sendo que o estímulo deve ser removido gradualmente, caso o cenário prospectivo para a inflação no horizonte relevante para a política monetária e/ou seus balanços de riscos apresentem piora.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

A taxa de câmbio dólar x real, denominada P-Tax 800 encerrou o mês de novembro cotada em R\$ 3,86, com uma valorização de 3,92% no mês.

Em outubro, as transações correntes, apresentaram superávit de US\$ 329 milhões, acumulando em doze meses saldo negativo de US\$ 15,5 bilhões.

Os Investimentos Estrangeiros Diretos – IED apresentaram um ingresso líquido de US\$ 10,4 bilhões em outubro e acumularam US\$ 67,5 bilhões em doze meses. As reservas internacionais eram de US\$ 380,3 bilhões no final do mês.

A Balança Comercial, por sua vez, teve em novembro de 2018 um superávit de US\$ 4,06 bilhões, o que elevou o resultado no ano para US\$ 51,69 bilhões.

RENDA FIXA

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de novembro acabou sendo o do IDkA 20A (IPCA), com alta de 2,90%, seguido do IMA-B 5+ com alta de 1,52% e do IRF-M 1+ com alta de 1,17%.

RENDA VARIÁVEL

Para o Ibovespa, o ganho no mês foi de 2,38%, acumulando, no ano alta de 17,15% e de 23,86% em doze meses. O índice encerrou o mês em 89.504 pontos e o ingresso líquido de capital estrangeiro no mês foi negativo em R\$ 1,04 bilhão.

PERSPECTIVAS

MERCADO INTERNACIONAL

Dezembro deverá ser o mês em que o Banco Central Europeu irá terminar com o seu programa de estímulos quantitativos, ao mesmo tempo em que o FED deverá novamente elevar a sua taxa de juros. A grande dúvida do mercado é como será em 2019, com a atividade econômica internacional ameaçada de enfraquecimento pela “guerra” comercial EUA x China e o mercado de trabalho americano, por outro lado, num momento de pleno emprego. Maior volatilidade nos mercados à vista.

MERCADO NACIONAL

Definida a maioria dos nomes para a composição da nova equipe governamental, o mercado agora acompanha o cenário internacional, sob forte volatilidade por conta da guerra comercial EUA x China e aguarda o início do próximo governo, já de olho no encaminhamento que terão as reformas tão necessárias ao país.

Em relação às aplicações dos RPPS, aconselhamos o investimento de 25% dos recursos em fundos de investimento em títulos públicos que possuem a gestão do duration, produto a ser acompanhado com a devida atenção.

Para os vértices médios (IMA-B 5, IDKA 2A e IRF-M Total) recomendamos ainda uma exposição de 30% e para os vértices de curto prazo, representados pelos fundos DI, pelos referenciados no IRFM-1 e pelos CDB's a alocação agora sugerida é de 15%.

Permanece a recomendação de que, com a devida cautela e respeitados os limites das políticas de investimento e as exigências da nova resolução editada pelo CMN, é oportuna a avaliação de aplicações em produtos que envolvam a exposição ao risco de crédito (FIDC e FI Crédito Privado, por exemplo).

Quanto à renda variável, continuamos a recomendar a exposição máxima de 30%, também por conta da melhora da atividade econômica neste ano, que já se reflete em um melhor comportamento dos lucros das empresas e, portanto, da Bolsa de Valores e também pelo fato da importância do produto como fator de diversificação de portfólio, em um momento em que as taxas de juros dos títulos públicos não mais suprem a meta atuarial.

Dessa forma, mantivemos em 10% a sugestão de alocação em fundos multimercado e reduzimos de 5% para 2,5% a alocação em FII e FIP, respectivamente, dada a pouca disponibilidade de produtos no mercado. Em compensação e tendo-se em vista o potencial de valorização do segmento com a eleição de candidato pró-mercado elevamos a recomendação do investimento em ações de 10% para 15%.

Para aqueles clientes que já contam com investimento de 5% tanto em FII, quanto em FIP, recomendamos que o teto de investimento em ações se mantenha em 10%.

Por fim, cabe lembrarmos que as aplicações em renda fixa, por ensejarem o rendimento do capital investido, devem contemplar o curto, o médio e o longo prazo, conforme as possibilidades ou necessidades dos investidores. Já as realizadas em renda variável, que ensejam o ganho de capital, as expectativas de retorno devem ser direcionadas efetivamente para o longo prazo.

Sugestão de Alocação dos Recursos – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	70%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture) **	0%
Gestão do Duration	25%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2A)	30%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	15%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	15%
Multimercados	10%
Fundos em Participações	2,5%
Fundos Imobiliários	2,5%

** Aos clientes que investem em FIDC / Crédito Privado / Fundo Debênture, utilizar como limite máximo o percentual destinado ao Médio Prazo.